
Um Líder Historiador, Analista e Profeta

“Dois líderes nas mesmas circunstâncias, fazendo a mesma coisa, podem produzir resultados completamente diferentes”.
(Ir. Emili Turú – Vozes Maristas, capítulo 9)

Rodrigo Rivas
Província Cruz del Sur – Uruguai
Administrador e voluntário marista



Sou Rodrigo Rivas, 33 anos, filho de Maribel e Roberto, marido de Andrea e pai de Geronimo e Leandro. Sou ex-aluno marista, depois me formei como contador público e mais tarde fiz um MBA.

Pertenço à Província Cruz del Sur e vivo em Montevidéu, Uruguai. Atualmente trabalho no Colégio Santa Maria de Montevidéu e a nível provincial colaboro na área de gestão econômica e financeira. Também fiz parte do Centro Comunitário Educativo Hogar Marista de Montevidéu. Junto com minha esposa, fomos voluntários durante vários meses na comunidade marista de Santo Domingo, em Medellín, Colômbia.

Um líder deve ser simultaneamente “historiador, analista contemporâneo e profeta” (E. Turú, cap. 9). Este pensamento me cativou. Vejo na conjugação dessas três características uma grande potência para responder às necessidades do mundo de hoje.

Historiador

A capacidade de ser historiador permite-nos identificar as nossas origens, construir a história e, a partir daí, construir pilares fundamentais que nos determinam, nos definem e nos tornam únicos. Tanto a nível pessoal como institucional, ter clareza sobre quem somos, o que nos caracteriza e para que fomos fundados é uma fonte inesgotável de referência e orientação quando precisamos de tomar decisões.



Entendo que, ao relacionarmo-nos com a história, é necessário sermos honestos, tendo em conta todos os factos (agradáveis ou não), para não correremos o risco de criar uma história à nossa imagem e semelhança que não nos permita questionarmo-nos para aprendermos com ela.

Analista contemporâneo

Olhando para a nossa realidade, encontramos-nos num mundo altamente dinâmico onde é impossível “acompanhar os tempos”. Nos anos 90, falávamos de ambientes VUCA (volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade), que evoluíram para o modelo BANI (frágil, ansioso, não linear e incompreensível) e que irão certamente mudar num curto espaço de tempo. Quer queiramos ou não, o mundo vive em constante mudança e movimento, pelo que é impossível compreendê-lo na sua totalidade.

Mas é possível, e cada vez mais necessário, analisar os ambientes em que estamos imersos, para que possamos dar a resposta mais eficaz e eficiente aos diferentes desafios que enfrentamos.

Penso que existem alguns elementos que nos podem ajudar a analisar melhor o nosso ambiente e a forma como interagimos com ele. Um deles é confiar na inteligência coletiva, como referem Heifetz, Ronald e Laurie, Donald L. (2021. *The work of leadership. Harvard Business Review*), porque, dada a elevada complexidade do mundo de hoje, a soma de diferentes pontos de

vista dá-nos uma maior amplitude. Neste ponto, é especialmente importante incluir as opiniões que nos desafiam ou criticam as nossas ações.

Outro elemento que pode ajudar a melhorar a nossa forma de ver o ambiente é “ir à varanda” (Lowney, Chris., 2021. *Three Vital Lessons from the World's Tallest Leaders*. Forbes) para procurar uma perspetiva, afastar-se para ver mais amplamente, longe do ruído quotidiano. Turú fala de um líder do tipo bombeiro, que anda por aí a apagar fogos e, portanto, está constantemente a resolver os problemas que surgem. Esta dinâmica pode diminuir a nossa capacidade de nos perguntarmos: para quê? e qual é o sentido das nossas tarefas?

Profeta

O profeta é aquele que “intui o futuro” (Turú, E.). Esta intuição deve ser contextualizada, ou seja, deve partir das suas origens, dos seus pilares fundamentais, considerando uma análise do meio envolvente, para poder gerar respostas às necessidades que vão surgindo. Esta visão do futuro permite-nos chegar um pouco mais perto do que queremos.

A seguir, partilho algumas das chaves para viver o que expus neste texto. Uma delas é construir e promover comunidades e equipas onde, para além dos papéis e das responsabilidades, se desafiem a ser historiadores, analistas e profetas de uma forma aberta e honesta, para sonharem juntos essa intuição do futuro e acordarem a forma de o tentar alcançar, cada um com o seu grau de responsabilidade.





Para além disso, penso que é essencial poder iterar o processo, ou seja, repetir o esquema de história, análise e profecia com uma certa frequência, para não ficar preso a um determinado momento histórico do qual é difícil sair. A revisão constante do processo é fundamental para avaliar quando é necessário mudar ou introduzir modificações.

Outra chave: creio que é essencial procurar ser coerente entre o que dizemos, fazemos e sentimos, tanto numa perspectiva individual como a nível institucional. É esta coerência que permite legitimar a liderança.

Para terminar, gostaria de partilhar que, para ser um bom líder, não basta ser historiador, analista e profeta, é também necessário “despertar a esperança” (Turú, E.). Ou seja, encorajar os outros a acreditar que essa intuição do futuro é possível. Para incutir a esperança, é necessário confiar, cultivar a presença e saber “partilhar e comunicar”.

Convido-me e convido-vos a serem sentinelas da aurora, a serem capazes de saber esperar, a cultivar a paciência e a saber observar com atenção e sensibilidade o que nos rodeia, sendo guardiões da nossa história. Convido-vos também a trabalhar, com inspiração, ativa e intencionalmente para que, fiéis à nossa essência, a primeira luz da manhã nos encontre prontos para o que deve ser construído de novo.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it